

Colégio JPSUL – 2ª série EM

Gustavo Duarte

CANÇÃO DO AMANHÃ

O hoje tem palmeiras
Onde canta o sabiá
Não tão verdes como ontem
Mas mais verdes do que lá.

No céu via desenhos
Me colocava a sonhar
Nos bosques via monstros
A vida era brincar.

Em cismar, sozinho, hoje
Que prazer encontro lá?
Lá, não há palmeiras
Muito menos sabiá.

Os gravetos eram espadas;
O formigueiro era vulcão;
A mãe pra dentro chamava
Me esperava na mesa o pão.

Já o céu de lá é escuro;
O sonho é não chorar;
Os monstros tem outras formas
A vida é trabalhar.

Os ponteiros eu seguro
Mas o esforço é em vão
O dia vai chegar,
E quem me espera com meu pão?

É difícil aceitar
O que me basta é sorrir
Mas mesmo aceitando
Pro universo vou pedir:

Não permita que eu morra
Sem que me lembre o ontem
Não deixe que a vida corra
Sem que a minha história os outros contem.

Não sei o que quero ser;
Ou onde quero ir,
para a vida inteira ficar.
Mas onde quer que seja,
e onde quer que eu vá,

levo no braço as palmeiras,
E no ombro o sabiá.

Comentário do júri: O poema faz uma bela reflexão sobre o futuro dos adolescentes, estabelecendo intertextualidade com o poema “Canção do exílio”.